

# TRAVESSIA

Jornal de Arte e Cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena

**“As raízes do ensino sustentam o crescimento do saber e florescem em cada nova geração.”**

Edição V  
Barbacena - Novembro de 2025

# TRAVESSIA | 5ª Edição

Jornal de Arte e Cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE

## **PRESIDENTE DA FUNJOBE**

Dr. Fábio Afonso Borges de Andrada

## **DIRETOR ACADÊMICO - FAME/FUNJOBE**

Dr. Marco Aurélio Bernardes de Carvalho

## **COORDENADOR DO NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO**

Dr. Mauro Eduardo Jurno

## **PROFESSORES DO PVMCA/FAME**

Dr. Luiz Mauro Andrade da Fonseca (Orientador)

Dr. Juliano Bergamaschine Mata Diz (Coorientador)

## **ORGANIZAÇÃO / DIAGRAMAÇÃO / LAYOUT**

Lucimara de Fátima Marugeiro (Coorientadora do PVMCA)

Priscila Karen Rezende (Acadêmica Integrante do PVMCA)

Natália Gregório de Paula (Acadêmica Integrante do PVMCA)

## **COLABORADORES DESTA EDIÇÃO:**

Ana Beatriz Tonholo e Silva

Ana Flávia de Matos Pereira

Ana Paula Botelho Souza

Bruna Moura Pimentel

Isabella Chevitaresh Celino

Juliano Bergamaschine Mata Diz

Jussara Lima Reis

Lucimara de Fátima Marugeiro

Luiz Mauro Andrade da Fonseca

Marco Aurélio Bernardes de Carvalho

Marcelle Cristina Ferreira Chaves

Maria Paula Damasceno Vieira

Natália Gregório de Paula

Pedro Henrique França Barbosa Silva

Priscila Karen Rezende

**É uma publicação semestral da equipe do  
Programa de Valorização da Memória, Cultura  
e Arte - PVMCA.**



# APRESENTAÇÃO

**Mara Marugeiro – Coordenadora do Travessia**

O Travessia, Jornal Digital da Faculdade de Medicina de Barbacena – FAME, em sua 5ª edição apresenta a proposta de realizar uma homenagem ao “Dia do Professor” e “do Médico”, comemorados em outubro de cada ano, destacando matérias produzidas por profissionais dessas áreas, numa rica diversidade de conteúdos como contos, poesias, relatos de professores envolvidos no universo da música, entre outros, conforme veremos a seguir.

O Jornal tem início com um texto que discorre sobre o tema dessa edição “As raízes do ensino sustentam o crescimento do saber e florescem nas várias áreas e em cada nova geração”, produzido por Priscila Karen Resende, acadêmica da FAME e coordenadora do grupo de alunos do Programa de Valorização da Memória, Cultura e Arte – PVMCA no ano 2025. Neste texto, Educação e Medicina estão contextualizadas demonstrando suas relevâncias para a sociedade.

Considerando a educação como um dos elementos em destaque nesse Jornal, a próxima matéria rememora a 4ª edição do Encontro de Escritores e Educadores de Barbacena e Região, promovido pela FAME, evidenciando sua interação com a sociedade numa troca de conhecimentos e experiências diversas, inclusive oportunizando a discussão e reflexão em torno do tema “A Terceira Margem da Educação”, explorado com relatos de importantes vivências do ilustre educador popular, Tião Rocha, também escritor da recente obra “TOPA?: um educador em busca do não feito: ainda”.

O espaço do Jornal, intitulado “No Meio da Travessia”, destinado a contos e crônicas, presenteia os leitores com textos encantadores que nos transportam para a época e os contextos de seus autores e nos fazem imaginar cada momento. Neste cenário, há a participação de Tião Rocha, que apresenta “Uma História e muitas Vidas”, e do egresso da FAME, Dr. André Luís Paolucci de Carvalho, compartilhando “A Dama das Hortênsias”. Neste mesmo espaço, Dra. Marta Ambroinise da Fonseca, Presidente do Centro de Memória “Belisário Pena”, descreve sobre a preservação da História da Medicina de Barbacena e apresenta suas memórias registradas no âmbito do Centro ora mencionado.

Seguindo nas matérias do Travessia, no espaço “Trilhando Novos Caminhos”, Dr. André Luís Paolucci retorna com mais experiências de sua vida e, dessa vez, estando em evidência sua habilidade como escritor, participa de uma entrevista onde discorre sobre o “Amor pela Medicina e encanto pela Poesia”.

O espaço “Travessia Diadorim... Os Rios Verdes” é totalmente ilustrado e colorido de modo simples, mas muito expressivo, com pinturas produzidas por pacientes das alas feminina e masculina do Hospital Psiquiátrico e Judiciário “Jorge Vaz”, situado em Barbacena / MG, numa ideia de alusão a concepções defendidas pela Psiquiatra brasileira, Nise da Silveira. O trabalho desenvolvido no contexto do referido Hospital trouxe como sugestão “Arte: pintura ressignificando a leitura de si...”

E o nosso Jornal Cultural, caminhando na “Travessia dos Gerais”, explora a beleza das poesias, que nessa edição são entoadas pelos professores e escritores Maria Inês Resende, viajando na sintonia das palavras no “Trem de Minas”; Nieta Ede, reafirmando “Não sou essa, nem aquela” e, ainda, Geraldo Magela da Silva nos embalos de “Retalhos Costurados”.

Concluindo o conjunto de matérias dessa edição, o “Travessia, Deus no Meio” tem a carinhosa participação de uma querida profissional da Faculdade, Professora Cristina Bello, que nos apresenta “A paixão pela música que despertou a criação do Coral FAME” e, ainda, de um parceiro muito especial, o Professor Miguel Junno: “Nos caminhos da Educação, Literatura e da Música”.

E assim o Jornal se finda convidando aos leitores para embarcarem nessa viagem, na travessia de tantos saberes, de histórias contadas e cantadas que encantam e emocionam com suas essências, reflexões e mensagens.

# AS RAÍZES DO ENSINO SUSTENTAM O CRESCIMENTO DO SABER E FLORESCEM NAS VÁRIAS ÁREAS E EM CADA NOVA GERAÇÃO

**Priscila Rezende**

A 5ª edição do Jornal Travessia, abordando o tema "As raízes do ensino sustentam o crescimento do saber e florescem nas várias áreas e em cada nova geração", em suas homenagens propostas pretende enaltecer a relevância do professor na formação de todas as profissões e do médico no cuidado de todos. Professor: a busca pela arte do ensinar / Médico: a busca contínua pelo cuidar.

Vimos em edições passadas a pluralidade de sentidos de travessia, que como João Guimarães Rosa a descreve é feita de desafios, aprendizado e superação, refletindo a complexidade da existência humana. Assim também é a jornada do conhecimento: um caminho que exige esforço, dedicação e orientação. Nesse percurso, a educação se apresenta como o farol que ilumina os passos do homem, possibilitando não apenas a aquisição de saberes, mas a construção de um futuro mais pleno e consciente. E na travessia da construção do conhecimento, o ensino pode ser considerado um dos alicerces de toda sociedade próspera. Os professores, "guardiões" desse saber, desempenham papel essencial na travessia do aprendizado. São eles que transformam a informação em compreensão, estimulam a autonomia, a reflexão crítica e inspiram o desenvolvimento humano.

Como bem afirmou o saudoso Prof. Bonifácio José Tamm de Andrada, "A Educação promove o homem e é a garantia inalienável de seu futuro", o que nos permite acreditar que seja a mola propulsora para as transformações sociais, uma vez que, através do ensino de qualidade, propicia o desenvolvimento individual, capacitando os cidadãos com habilidades e conhecimentos essenciais para se refletir criticamente e intervir de modo importante no mundo ao seu redor.

E como rememorar a Educação sob a ótica do ilustre Prof. Bonifácio Andrada sem se remeter à criação da Fundação Presidente Antônio Carlos? A tradicional FUPAC, idealizada por ele, simboliza a concretização dessa visão, ao proporcionar estruturas de ensino que fortalecem o aprendizado e estimulam a extensão e a pesquisa, inclusive em áreas estratégicas como a medicina. Essa iniciativa reforça o papel da educação na formação de múltiplos profissionais capazes de contribuir expressivamente para a evolução da sociedade e já nos anos 70 o exímio Professor era visionário também idealizando uma Escola de Medicina, a querida FAME Barbacena, que atualmente apresenta 54 anos de história cumprindo de forma brilhante o processo de formação de excelentes profissionais que ocupam o cenário da saúde e da Educação Médica por todo o país e até mesmo no exterior.

Com um olhar especialmente para o ensino médico, a importância da educação se torna ainda mais evidente. Desde Hipócrates, que estabeleceu princípios éticos e humanísticos na prática médica, até os cursos modernos no Brasil, a formação de médicos qualificados é vital para a promoção da saúde e bem-estar da população. A educação médica não só possibilita conhecimento técnico, mas também o desenvolvimento de empatia, senso de responsabilidade e compromisso com a vida humana, valores fundamentais que atravessam gerações e impactam toda a sociedade. E neste sentido a Faculdade de Medicina de Barbacena tem se sobressaído com grande notoriedade.

Uma curiosidade interessante sobre educação e medicina, que demonstra um exemplo de sua relação com a natureza, é que “segundo a tradição e a história, era sob a sombra de um *Platanus orientalis* que Hipócrates, o pai da Medicina, reunia-se com seus discípulos e alunos para transmitir seus conhecimentos, na Ilha de Kós, na Grécia, onde, até hoje, uma árvore da espécie vive no centro da localidade...” E fazendo uma analogia, utilizando tão belo elemento da natureza, podemos imaginar a educação como uma árvore robusta: suas raízes são o conhecimento sólido, firme e profundo que sustenta o desenvolvimento humano; seu tronco, as instituições educacionais com seus professores e equipe pedagógica, dando forma e estrutura necessárias para o processo ensino-aprendizagem ocorrer; suas folhas, a comunidade escolar com o comprometimento e responsabilidades na produção de todo o cenário para o processo educacional; suas flores, as ideias, a criatividade e o pensamento crítico que florescem na mente dos alunos; e seus frutos, as conquistas, o progresso social e o cuidado com a vida que a educação, em qualquer área do saber, torna possível. Assim, o saber se expande e se perpetua, beneficiando toda a humanidade.

Considerando tudo isso, a travessia do conhecimento, guiada pela educação, constitui uma jornada que transforma vidas e sociedades. A interação entre ensino, ética e cuidado com o outro mostra que educar é semear raízes profundas, cultivar flores de sabedoria e colher frutos que perpetuam o bem. Em cada gesto de ensino e em cada prática médica diferenciada, a humanidade encontra instrumentos para evoluir, curar e construir um futuro mais justo e saudável.

Finalizando essa introdução que descreve a ideia sobre o tema da 5ª edição do Jornal Travessia, a imagem escolhida para a sua capa tem a copa das árvores para fazer analogia com educação, o espaço entre as copas remete a caminhos para associar ao Travessia e a imagem global em si pode lembrar os hepatócitos que vemos na microscopia e faz alusão à medicina.



Priscila Rezende é discente de Medicina na FAME/FUNJOBE, integrante do PVMCA e formada em Engenharia de Produção pela UFJF. Foi a responsável pela idealização da capa da 5ª edição do Jornal Travessia com o tema: “As raízes do ensino sustentam o crescimento do saber e florescem em cada nova geração.”



# AS RAÍZES DO ENSINO SUSTENTAM O CRESCIMENTO DO SABER E FLORESCEM NAS VÁRIAS ÁREAS E EM CADA NOVA GERAÇÃO

06

## FAME x Sociedade na travessia da troca de conhecimentos e experiências

Encontro de Escritores e Educadores de Barbacena e Região: uma promoção da FAME que chega à sua 4ª edição.

Acadêmica da FAME e seu talento nos desenhos.

10

## “No meio da Travessia”

Uma História e muitas Vidas

A Dama das Hortênsias

Centro de Memória “Belisário Pena”: preservando a História da Medicina de Barbacena

16

## Trilhando novos caminhos

Amor pela Medicina e encanto pela Poesia

19

## “Travessia, diadorim... os rios verdes”

Arte: pintura ressignificando a leitura de “si”...

22

## “Travessia dos Gerais”

Poetizando com...

Maria Inês Resende - TREM DE MINAS

Nieta Ede - NÃO SOU ESSA, NEM AQUELA

Geraldo Magela da Silva - RETALHOS COSTURADOS

28

## “Travessia, Deus no meio”

A paixão pela música que despertou a criação do Coral FAME

Nos caminhos da Educação, Literatura e da Música

## Encontro de Escritores e Educadores de Barbacena e Região: uma promoção da FAME que chega à sua 4ª edição

**Mara Marugeiro – Coordenadora do Encontro de Escritores**

Como um evento institucionalizado no calendário de ações da Faculdade de Medicina de Barbacena, o Encontro de Escritores e Educadores de Barbacena e Região, ocorrido em agosto de 2025, completou a sua 4ª edição movimentando a Instituição que foi palco de grandes talentos da arte e da literatura.

O Encontro contou com o apoio do Centro de Memória Belisário Pena, da Academia Barbacenense de Letras, Academia Barbacenense de Ciências Jurídicas e do Portal BOL sendo uma das atividades propostas pelo “Programa de Valorização da Memória, Cultura e Arte” da FAME e proporcionou importantes ações de valorização da produção literária e educacional da região, possibilitando o protagonismo de escritores e educadores que no evento compareceram.



Abertura - Prof. Luiz Mauro Andrade da Fonseca



Foram dois momentos de atrações que deram voz e vez a talentosos participantes: na parte da tarde houve exposição das obras dos escritores e também de artes visuais com destaque para a acadêmica do 1º período da FAME, Maria Luiza Pedrosa, que apresentou o encanto e a leveza de suas habilidades nos traços dos desenhos que produziu, e com a apresentação de fotos de murais de Barbacena pintados pelo artista plástico e muralista João ArteNova. Neste mesmo espaço ainda houve a riqueza da troca de experiências e conhecimentos entre os escritores e demais presentes.



Exposição das obras e da interação entre os Escritores



Ricardo Salim e Rodrigo Tostes – Membros da ABL



Nos embalos da Poesia com a Profª Nieta Ede ao som do violão de Lucas Botolucci



Ricardo Salim - Palestra “Comunicação Criativa”

A noite foi abrilhantada com a beleza e emoção das poesias declamadas por poetas da cidade e região, o café cultural que ampliou o momento de apreciação das exposições e a interatividade entre o público, o convite aos participantes do encontro para a leitura do Jornal Artístico-cultural da FAME - “Travessia” - 4ª edição, a palestra “Comunicação Criativa”, proferida pelo jornalista e escritor, Ricardo Salim, e, ainda, o diálogo “A Terceira Margem da Educação” com o ilustre Tião Rocha, antropólogo, educador popular, folclorista, Idealizador e Diretor-Presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD, criado em 1984, em Belo Horizonte. Momento este que propiciou reflexões, provocações, um convite à reinvenção da educação e oportunizou a demonstração, através de importantes relatos de Tião Rocha, de que “é possível transformar realidades por meio de práticas educativas que respeitem os saberes locais, que promovam a escuta verdadeira e que valorizem a experiência compartilhada”. Ao final do evento houve o sorteio de livros aos participantes, que já é uma prática de todos os encontros.



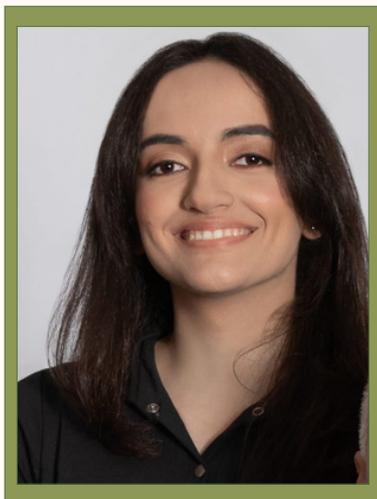
Roda de Conversa: Prof. Luiz Mauro, Tião Rocha e Ricardo Salim

Dessa forma, a FAME realizou o IV Encontro de Escritores e Educadores de Barbacena e Região com a proposta de inovar nas próximas edições, sendo sempre um estímulo à valorização e visibilidade da produção literária e possibilitando a comunicação ativa entre autores, profissionais da educação e a comunidade.



## Acadêmica da FAME e seu talento nos desenhos

**Maria Luiza Pedrosa**

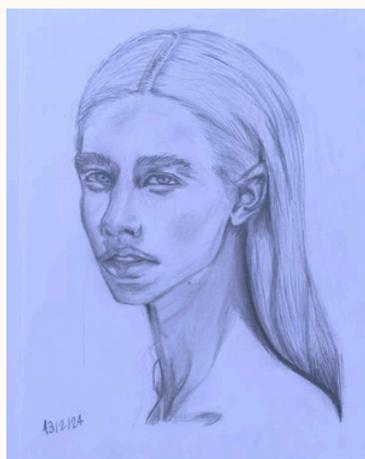


Maria Luiza Pedrosa, aluna do 1º período de Curso da FAME, timidamente aceitou o convite para expor seus belos desenhos no IV Encontro de Escritores e Educadores e ainda aceitou o desafio de duas novas produções: o retrato do Diretor Marco Aurélio Bernardes de Carvalho e do charmoso Casarão da FAME, artes estas que somente confirmaram seu talento.

Segundo a acadêmica, foi a primeira vez que expôs publicamente seus desenhos e também algumas pinturas. Começou a produzir por volta dos 9 anos de idade sem maiores pretensões, inspirada em muitos desenhos que assistia na televisão. Para ela, a arte de desenhar desperta principalmente a sensação de paz, serenidade e relaxamento, o que é tão importante nos dias de hoje.



**“A arte de desenhar desperta principalmente a sensação de paz, serenidade e relaxamento, o que é tão importante nos dias de hoje.”**



**“O desenho é um meio de expressão e autoconhecimento que estimula a criatividade e aprimora a percepção do mundo.”**

## Uma História e muitas Vidas

Tião Rocha

- *Eu sou sobrinho de uma rainha.*

- Verdade, podem acreditar! Aliás, este era um dos meus maiores orgulhos quando criança: ter uma tia rainha, de carne e osso. Tia Gorda era o seu apelido. Maria Hilarina Rocha de Jesus, seu nome!

Aos 7 anos de idade, entrei pela primeira vez em uma escola em Belo Horizonte. No primeiro dia, a professora abriu o livro "As mais belas histórias" e começou a ler, pausadamente:

- *"Era uma vez um lugar muito distante, onde moravam um rei e uma rainha..."*

Eu, já me encantando com o que ouvia, a interrompi:

- *Professora, eu tenho uma tia que é rainha!*

Ao que ela me respondeu:

- *Está bem, fique quietinho e escute. Isto é uma história da carochinha, um conto de fadas. Não existem esses reis e rainhas.*

E continuou sua leitura. Todas as vezes que ela mencionava o rei ou a rainha, eu a interrompia:

- *...eu tenho uma tia que é rainha, de verdade!*

Após a quinta tentativa de intervenção, a professora me mandou um "cala a boca".

Ao final do meu primeiro dia de aula, fui encaminhado à sala da diretora.

- *Vai querer sair da escola logo no primeiro dia. Volta pra sala e preste atenção na aula, senão chamo sua mãe e mando ela te levar pra outra escola", foram suas palavras.*

Nunca mais, durante todo o curso primário, falei sobre este assunto. Talvez ele não fosse mesmo importante. Quando fui para o ginásio, para o meu azar, a minha primeira aula foi de História do Brasil.

- *Vamos iniciar nosso curso estudando o descobrimento do Brasil... Os reis portugueses..., iniciou o professor para explicar as conquistas ibéricas.*

E eu, mais uma vez, inocentemente, disse:

- *Professor, eu tive uma tia que foi rainha...*

Ao que ele, prontamente me retrucou:

- *Pronto, primeiro dia de aula e já tem um engraçadinho aqui...Cala essa boca, deixa de bobagem e presta atenção na aula. Estou falando de reis e rainhas, pessoas importantes; aqui no Brasil nunca teve isso. Você não pode ser de família real, olha seu nome, olha a sua cor...*

Fui, mais uma vez, motivo de gozação por parte dos colegas. Comecei a pensar que eu talvez tivesse sido enganado por minha família. Ou não poderia ser descendente de rainha nenhuma, ou aquilo não tinha a mínima importância para ninguém. Nunca mais tive coragem de falar sobre isto.

Ao final do segundo grau, fui morar em Ouro Preto e, um dia, lendo Ao Deus Desconhecido, de John Steinbeck, comecei a observar a construção da cidade e pensar sobre as muitas paredes e muros de pedras que estavam à minha volta.

- *Foram feitos por quem? por que? como? quando?*

Descobri naquele instante que não podia responder a estas e tantas outras questões, simplesmente porque não conhecia a história dessa gente...

- *E essa gente não seria a mesma da qual eu me originara?*

Foi naqueles dias que resolvi cursar História. Voltei para Belo Horizonte e entrei para a Universidade. Durante 4 anos estudei a vida e a trajetória de reis, rainhas e personagens de tudo quanto foi lado. Nunca tive uma aula sequer sobre a minha tia.

- *Onde poderia eu estudar as minhas origens?*

Resolvi partir para a Antropologia. Quem sabe ali encontraria minhas respostas. Devorei livros e bibliotecas, garimpei cidades e campos. Conheci todo tipo de gente, nos livros, nas ruas e nas roças. Virei um andarilho atrás dos filões de minha cultura.

A minha caminhada, como era de se esperar, levou-me para os lados da Educação. A universidade queria que eu fosse professor. Fui e, sem modéstia, competente. Mas isso não me bastava. Eu queria ir mais fundo. Queria ser educador. Aí veio o meu conflito com a Academia. “Ela” queria que eu fosse professor. E “eu” teimava em ser educador. Não se tratava de um jogo de palavras. Queria uma universidade que buscasse a aprendizagem e não apenas a “ensinagem”. Perdi! E me demiti!

Juntei um grupo de amigos e fundamos, em 1984, o *Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento*.

O CPCD já tem 25 anos de aprendizagem e hoje abriga uma série de sonhos e anseios, teimosias e utopias, e companheiros de empreitadas no campo da educação de qualidade e do desenvolvimento sustentado, a partir da cultura.

Já ia me esquecendo! Minha tia Gorda foi Rainha Perpétua do Congado. E todos os anos - de agosto a outubro - ela, trajada com manto, coroa e cetro reais, era homenageada com danças e embaixadas pelos Moçambiques, Congos, Marujos, Vilões, Catopês e Caboclinhos. E saía em alegres cortejos pelas ruas protegida por um pátio, acompanhando as guardas e louvando Nossa Senhora do Rosário, santa branca, patrona das irmandades negras e católicas que construíram as Minas Gerais.

Eu tinha orgulho de tê-la como tia - e como rainha - mas, infelizmente, nunca pude mencioná-la ou estudá-la na escola. Pena, pois mereceria, junto com muitos outros reis e outras rainhas, um capítulo especial na construção da história do povo brasileiro.

Nossa missão no CPCD é colocar o que aprendemos a serviço de crianças e jovens, para que estes não percam, prematuramente, sua realeza e dinastia, sua auto-estima e sua história.

Bem, destino ou não, acredito que essa trajetória pessoal foi determinante para o que faço hoje.

Tornei-me educador popular, por opção política, porque acredito que esta é a minha maneira de contribuir - sob forma de práticas educativas inovadoras e desafiadoras - para a transformação social do país e fazer de sua cultura e identidade, instrumentos de seu desenvolvimento e a matéria-prima de sua cidadania.



Tião Rocha é antropólogo (por formação acadêmica), educador popular (por opção política), folclorista (por necessidade), mineiro (por sorte) e atleticano (por sina). Fundador e presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD, organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 1984, em Belo Horizonte/MG.

## A Dama das Hortênsias

Dr. André Luís Paolucci de Carvalho – Egresso da FAME  
A Crônica fala de longevidade, exercício da Medicina e sobre a vida



Em uma manhã fria, entre minha colação de grau e a noite passada, caminhava pelos corredores indiferentes daquele hospital tão saudoso. Era uma instituição secular, imponente e abarrotada de relíquias: fotografias amareladas de pessoas elegantes, sorridentes em guarda-pós impecáveis de outras épocas.

Eram frequentes também oratórios e pequenos santuários para as orações tão necessárias num nosocômio. Como de costume, chegava cedo para a visita médica.

Adentrava os quartos e recebia sorrisos, abraços, olhares de apreensão e, às vezes, lágrimas de felicidade ou desapontamento. Era ocasião para acolher novos pacientes, assinar a tão desejada alta de outros e ajustar tratamentos daqueles que ainda precisavam de assistência hospitalar.

A Medicina, na sua essência, é a arte do cuidado, compreendendo seu contexto com empatia e respeito. É exercê-la com evidência científica, humanismo e espiritualidade.

No primeiro andar do hospital, havia um belo jardim de inverno onde árvores repletas de camélias dividiam o espaço com canteiros de hortênsias, margaridas e roseirais. Sentada numa cadeira de rodas, desfrutando do canto dos pássaros que ali passeavam, notei o semblante sereno de uma mulher idosa que, em silêncio, observava tudo ao redor.

— Bom dia, Dona Eulália!

Ela me olhou desinteressada e sorriu.

— Bom dia, Dr. André! Vou finalmente embora?

— Sim, minha querida. A senhora está recuperada e, daqui a pouco, estará em casa.

Com dificuldade, levantou-se da cadeira e, caminhando em minha direção, abraçou-me com ternura, demorando-se um pouco mais. Aproveitei para fazer uma última pergunta:

— Dona Eulália, como é completar um século de vida?

— Doutor André... — Ao erguer-se com esforço, seu corpo franzino pareceu ganhar uma inesperada firmeza. Seu abraço, prolongado e caloroso, carregava a intensidade de quem teme ser a última despedida. — Completei cem anos semana passada. Tantas primaveras... E olhe só onde estou: num jardim bonito, com um amigo gentil me dando alta, bisnetas me enviando mensagens no celular...

Ela riu, mas era um riso escondido em meio às névoas do passado.



## “Mas não se engane: viver muito é também aprender a carregar um tipo de solidão que não tem cura.”

— Viver é bom, doutor. Ainda sinto o gosto do café quente de manhã, o cheiro da terra depois da chuva... Mas sabe o que ninguém conta quando falam de chegar a essa idade? É que você vira um estrangeiro no próprio tempo. Meus filhos já se foram. Meu marido, meus irmãos, minhas amigas de infância... Todos partiram antes mesmo do novo milênio.

— E agora, quando minhas bisnetas me visitam, falam de coisas que não entendo, riem de histórias que não são as minhas. Até tentam, coitadas... Mostram-me vídeos, músicas, essas luzes que piscam no celular.

— Mas como explicar para elas o cheiro das lamparinas, o barulho das charretes, o sabor do primeiro sorvete que comi, o medo e a alegria da primeira vez que votei?

Ela olhou para as hortênsias, como se buscasse respostas nelas.

— O mundo delas é rápido, barulhento. O meu... o meu era de cartas escritas à mão e silêncios que não precisavam ser preenchidos.

Às vezes, sinto que não pertencço a este mundo, como um livro esquecido na prateleira — todos sabem que existo, mas ninguém tem tempo para ler minhas páginas.

Pousei a mão sobre a dela, sem saber o que dizer.

— Mas então... a senhora acha que valeu a pena? Dona Eulália fechou os olhos, deixando o sol acariciar seu rosto.

— Valer a pena? Ah, meu jovem... A vida não pergunta se a gente quer. Ela apenas acontece. E mesmo com toda a saudade, ainda escolho o cheiro das flores, o pão fresco de manhã, o jeito que minhas bisnetas me chamam de “vó Lília” mesmo sem saber quem eu realmente fui...

E então, com um sorriso que misturava lágrimas e luz, concluiu:

— Mas não se engane: viver muito é também aprender a carregar um tipo de solidão que não tem cura.

Naquela manhã, enquanto a acompanhava até o carro da família, entendi que alta médica não era a mesma coisa que liberdade.

André Luís Paolucci de Carvalho é o primeiro sucessor da Cadeira número 4 da Academia Barbacenense de Letras, cujo patrono é Saulo Duque Estrada. Cadeira fundada por Sidnei Cunha. <https://academiadeletrasbarbacena.org.br/a-dama-das-hortensias/>

## Centro de Memória “Belisário Pena”: preservando a História da Medicina de Barbacena

Marta Maria Imbroinise da Fonseca  
Presidente do Centro de Memória “Belisário Pena”



Fundado em dezembro de 2002 por um grupo de 23 médicos idealistas, o Centro de Memória “Belisário Pena” nasceu com a missão de preservar a trajetória da medicina em Barbacena e região. Trata-se de uma instituição privada, sem fins lucrativos, de caráter educativo e cultural, que hoje está sediada na Associação Médica de Barbacena, no bairro do Campo, onde ocupa um espaço gentilmente cedido para abrigar sua biblioteca e museu.

O acervo do Centro é composto por cerca de 2.500 títulos, incluindo obras raras, além de uma significativa coleção de equipamentos médicos em desuso. Destaca-se também a hemeroteca, com exemplares de jornais nacionais e locais datados desde a década de 1930. Todo esse material está disponível para consulta de pesquisadores médicos, historiadores, profissionais da saúde e comunidade em geral, interessados na memória das ciências médicas.



Mais do que um espaço de guarda, o Centro de Memória “Belisário Pena” promove ativamente a cultura e a pesquisa. Integra-se aos demais arquivos históricos de Barbacena e região e realiza, estimula e apoia estudos, seminários e eventos voltados à história da medicina.

Seu quadro associativo é formado por sócios fundadores e efetivos, médicos e não médicos, além de acadêmicos de medicina. Todos colaboram por meio de uma contribuição simbólica anual, reforçando o compromisso com os objetivos da entidade.



A atuação do Centro também é fortalecida por parcerias institucionais, como o convênio com a Faculdade de Medicina de Barbacena, voltado à ativação da biblioteca, museu e auditório. Esse trabalho conjunto visa ampliar o acesso à informação e à preservação da história médica local.

Além disso, mantém relacionamento ativo com instituições como a UNIMED, a Academia Barbacenense de Letras, o Centro de Memória da UFMG, o Centro de Memória da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e a Sociedade Brasileira de História da Medicina.



Ao longo dos anos, o Centro tem participado de congressos médicos em Minas Gerais e em outros estados brasileiros, promovendo projetos como as homenagens póstumas a médicos já falecidos eternizando suas contribuições por meio de fotobiografias. Recebe regularmente visitas de estudantes, pesquisadores e interessados em conhecer mais sobre a rica trajetória da medicina regional.

O Centro de Memória “Belisário Pena” é, assim, um espaço vivo de história, cultura e conhecimento guardião de um legado essencial para as gerações futuras.

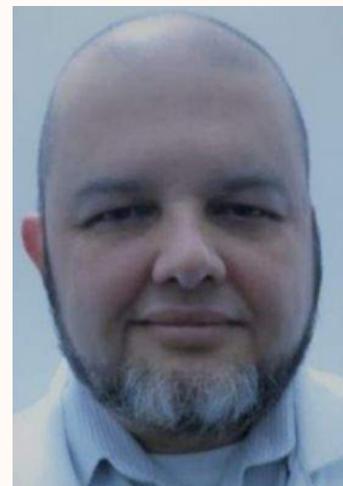


## Amor pela Medicina e encanto pela Poesia

### Entrevista com o Egresso da FAME, Dr. André Luís Paolucci de Carvalho

**Entrevistador:** Quais aspectos da profissão médica você acha que ainda necessitam ser mais discutidos ou melhor compreendidos pelo público em geral, nos dias de hoje?

**D. André** - A prática médica tem sido profundamente impactada pelas mudanças da sociedade. Com o avanço da tecnologia, o acesso à informação muitas vezes sem filtro científico e o uso crescente da inteligência artificial, muitos pacientes chegam aos consultórios e aos hospitais com diagnósticos prontos e expectativas irreais. Há uma pressão crescente por resultados rápidos, mesmo quando os recursos são limitados e as condições de trabalho são desafiadoras. Além disso, pouco se reconhece



que o médico também é um ser humano, sujeito ao cansaço, ao estresse e à doença — inclusive àquelas que afetam a saúde mental.

A violência contra profissionais da saúde aumentou, e o respeito à atuação médica, por vezes, se perdeu em meio à desinformação e à frustração coletiva com o sistema.

É necessário um debate mais maduro sobre o papel do médico na sociedade atual — resgatando a compreensão de que cuidar é uma via de mão dupla, e que o bom exercício da Medicina exige não apenas técnica, mas também condições adequadas, respeito e confiança.

**Entrevistador:** Por que Cardiologia?

**Dr. André** - A paixão pela Cardiologia teve início ainda nas aulas de Semiologia, sob a orientação do saudoso Dr. Marcílio Faraj, cuja abordagem minuciosa do exame físico cardiovascular despertou meu interesse pela especialidade. Esse entusiasmo foi reforçado durante a vivência na Santa Casa de Barbacena-MG, em especial nas atividades de sábado pela manhã, ao lado do meu amigo e colega de turma Dr. Anderson Tavares Rodrigues — atualmente intensivista e nefrologista.

A consolidação desse percurso ocorreu durante a residência médica no Biocor Instituto, em Nova Lima-MG, experiência que marcou o início de uma trajetória profissional dedicada à Cardiologia e que permanece até hoje, guiada pela integração entre o rigor técnico e a sensibilidade humana que a prática cardiológica exige.

Foi o início de uma jornada que me acompanha até hoje: uma paixão que pulsa entre as duas faces do coração — a emocional, em seu sentido metafórico, e a anatômica, em seu sentido literal.

**Entrevistador:** Como é ser médico e poeta?

**Dr. André** - Talvez eu seja um médico-poeta — ou, quem sabe, um poeta-médico. Essa concepção ressoa com a função terapêutica e sublimatória da arte: um mecanismo para dar forma ao sofrimento psíquico e transformá-lo em criação.

A poesia, nesse contexto, torna-se um instrumento de autoanálise, um meio pelo qual o poeta direciona o olhar clínico para dentro de si.

Da mesma forma, o olhar subjetivo aplicado ao exercício da Medicina — na tentativa de compreender o outro para além do que relata ou do que revelam os exames — é, a meu ver, essencial e diferenciador.

Sou essas duas versões que se complementam na ciência e na literatura, coexistindo em um mesmo ressoar.

**Entrevistador: Há quanto tempo você escreve e o que o motivou a começar a escrever? Como ocorreu a manifestação dessa arte em sua vida.**

**Dr. André** - Minha carreira literária teve início em 1996, ano em que comecei a experimentar diferentes estilos até me encontrar na poesia. Em especial, encantava-me escrever sonetos — quase sempre dedicados aos amores da juventude, platônicos e febris.

Durante esse período, mergulhei na obra de diversos poetas e, junto a alguns amigos escritores da faculdade, compartilhava noites regadas a Histologia, Genética e Anatomia... mas também à boemia, aos versos e às musas imortais. Foi nesse ambiente que fundamos o jornal "O Vírus", pelo Diretório Acadêmico da FAME.

**Entrevistador: Há algum poeta que inspirou você em seus escritos?**

**Dr. André** - Sim, minha obra é marcada pela melancolia — herança de nomes como Álvares de Azevedo, Charles Baudelaire e Lord Byron —, mas também iluminada pelos raios de sol de Minas, com Carlos Drummond de Andrade e Honório Armond. Somam-se a essas influências os ecos sensíveis de Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac e Machado de Assis.

**Entrevistador: Suas experiências como médico influenciam a sua escrita poética e a arte da escrita influencia a sua prática médica? Existe essa relação?**

**Dr. André** - Sim. Cada poema funciona, ao mesmo tempo, como a evidência de uma ferida e como a sutura que tenta fechá-la. As palavras são "lâmina e bálsamo": cortam fundo para expor a dor, mas, no próprio ato de nomeá-la e dar-lhe forma, oferecem um tipo de cura.

Da mesma forma, o meu olhar como médico é inevitavelmente atravessado pela poesia, pois ela se manifesta em todos os momentos e de todas as maneiras — nos eventos cotidianos, em um olhar de esperança, no coração que resiste, no pôr do sol, na criança com estrelas nos olhos... e até no adeus e na tristeza.

**Entrevistador: Na sua opinião, "a poesia vem do silêncio primordial"?**

**Dr. André** - Não é uma regra. Escrevo nas madrugadas, momento de silêncio e reflexão, mas a inspiração também pode brotar em uma pausa de plantão na UTI, no consultório entre um paciente e outro, ouvindo música, e até mesmo de forma espontânea e aleatória.

**Entrevistador: Na sua alma de Poeta, como acontece o movimento das letras que se tornam palavras e, por fim, textos eternos?**

**Dr. André** - Acredito na poesia inspirada. Antes, como sonetista, sentia-me preso aos grilhões da forma e de regras rígidas. Hoje, minha obra preserva a melancolia e o romantismo, mas com liberdade, respeitando apenas a mensagem que desejo entregar ao leitor. A poesia acontece a qualquer momento; por isso, procuro dar-lhe vida assim que ela pede passagem no meu coração. É um momento infinito e, ao mesmo tempo, efêmero, pois, uma vez pronta, ela pertence ao leitor, que a interpretará segundo sua vivência e percepção individual.

**Entrevistador: Quais são os títulos das obras que você publicou até o presente momento?**

**Dr. André** - Anjo Atormentado - Desvie seu olhar se puder, publicado pela Editora Multifoco.

Em produção: Jovem demais para promessas. Este livro reunirá uma antologia das poesias da primeira fase da minha carreira, escritas nos meus vinte e poucos anos.

**Entrevistador: Como poeta, qual mensagem você deixaria em homenagem do “Dia do Médico”?**

**Dr. André** - Responde em poesia...

### SACERDÓCIO

Éramos ainda adolescentes.  
Quando ela nos tocou.  
Em troca do seu amor.  
Exigiu noites febris, insônia e sacrifícios.  
Deitada na mesa fria,  
ela nos observava pelos olhos sem vida.  
Anatomicamente misteriosa.  
O tempo inexorável.  
Trouxe fios brancos.  
Houve um tempo  
em que víamos o mundo através deles,  
nossos mestres.  
Hoje eles ainda vivem através de nós.  
Herdeiros do seu legado.  
Guardiões da nobre arte.  
Resignados.  
Exaustos.  
Invencíveis.

### EU, VOCÊ E TODOS ELES

POR ANDRÉ LUÍS PAOLUCCI DE CARVALHO

Gargalhadas frenéticas,  
Em alto e bom som.  
Olhos vidrados no nada,  
Estátua viva que incomoda  
A normalidade da monotonia.  
Fragmentado coração,  
Incapaz de amar ou odiar.  
Mente perdida na noite escura,  
Sem luz, esperança ou motivação.  
Lampejos cada vez mais raros,  
Como um frágil vagalume.  
Somos indesejados,  
Mas ainda humanos.  
O silencioso esquecimento  
Não cala nossa voz.  
Afinal, somos vocês,  
No tênue equilíbrio  
Da loucura  
E da lucidez.

## Arte: Pintura Ressignificando a leitura de “si”..

Nise da Silveira se tornou conhecida a partir dos anos 1940, como médica no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Rio de Janeiro. Nele dirigia o setor de terapia ocupacional, onde priorizava a humanização dos cuidados de saúde mental e combate às técnicas agressivas. Discordava da lobotomia e do eletrochoque, comuns nessa época. Utilizava a arte, incluindo pintura e modelagem, métodos humanizados como a terapia com animais e a psicologia junguiana. “Para Nise, esses métodos eram a melhor forma de terapias para recuperação dos pacientes, em que podiam ressignificar a leitura de “si” e a conexão com a realidade de cada um, por meio da criação através das artes”.

Ilustrando o uso da arte, como um método, Ferreira Gullar, “[...] em outubro de 2006, contou a história de um “paciente magrinho chamado Emygdio” que, no ateliê de pintura do manicômio, destacou-se pela produção. Um dia, próximo ao Natal, Nise perguntou a Emygdio que presente gostaria de ganhar e ele respondeu: 'Um guarda-chuva'. Ela concluiu que ele desejava ir embora”. (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61603637>).

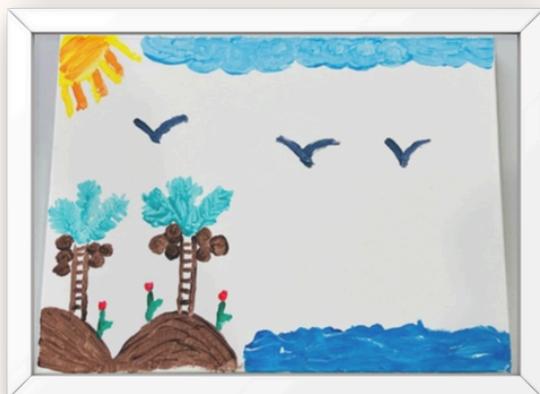
Considerando essa concepção, o “Programa de Valorização da Memória, Cultura e Arte” da FAME promoveu em setembro de 2025 uma atividade com pacientes do Hospital Psiquiátrico e Judiciário “Jorge Vaz”, em Barbacena, Minas Gerais. O tema foi “Explorando as cores e despertando sentimentos sobre a vida”. A atividade que envolveu dezenove pacientes (nove mulheres e dez homens), em momentos distintos, possibilitou a expressão de suas emoções, percepções sobre a vida e sonhos que foram retratados em pinturas, o que posteriormente também foi externado verbalmente por eles ao falarem sobre suas artes, manifestando, ainda, o prazer em realizar a ação proposta, utilizar as cores, pincéis e telas e interagir com outras pessoas.

**Palavras-chave manifestadas pelos pacientes nas dinâmicas:** saudade; família; lar; música; futebol; natureza; amor; perdão; liberdade; recomeço...



Profissionais do Hospital “Jorge Vaz” e membros do Programa de Valorização da Memória, Cultura e Arte da FAME

A expressão da arte pelo público feminino do Hospital "Jorge Vaz"



**Palavras-chave manifestadas nas dinâmicas:  
saúde; família; lar; música; futebol;  
natureza; amor; perdão; liberdade; recomeço...**

A expressão da arte pelo público masculino do Hospital "Jorge Vaz"



## Poetizando com...

### Maria Inês Resende - professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura e escritora



Autora de três livros infantis:

- . O menino que fez a manhã nascer azul;
- . A menina que tinha estrela nos olhos;
- . Uma notinha sozinha não faz canção.

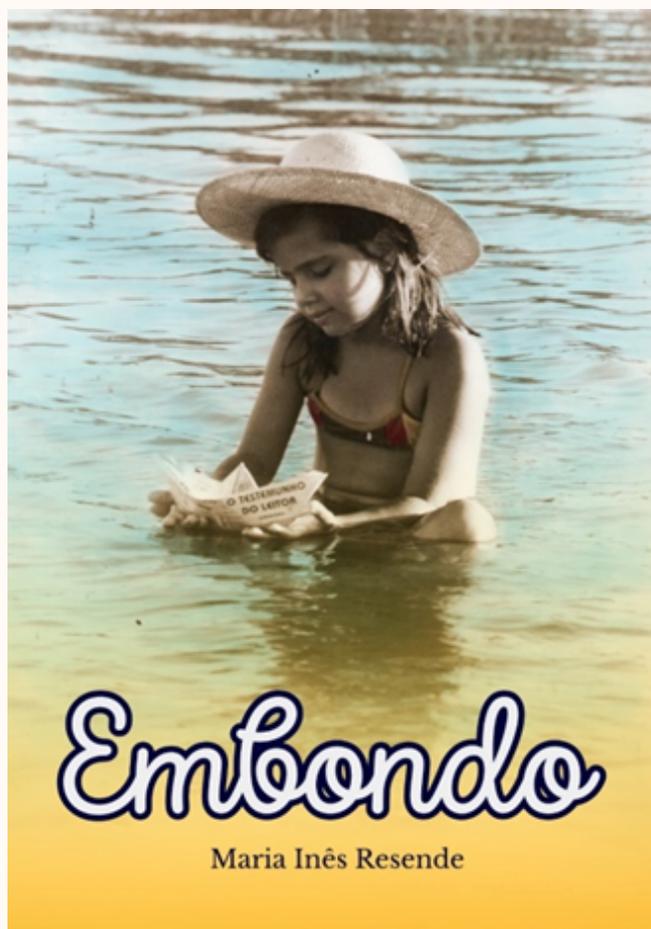
\* A adaptação desse livro, por Paulo Roberto Antunes, enviada ao primeiro Concurso Nacional de Textos Teatrais Filosóficos - realizado em 2007 - pelo Centro de Filosofia "Educação Para Pensar", Editora Sofhos e Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC - foi classificado em primeiro lugar e o livro reeditado numa versão teatral pela Editora Sofhos.

Em parceria com o professor e escritor Paulo Roberto Antunes, publicou o livro "Deserto Habitado"; obra adotada pelo vestibular de 2008 - FASAR - Conselheiro Lafaiete, onde ambos lecionavam.

Professora agraciada com medalha de ouro por duas vezes pela Olimpíada de Língua Portuguesa:

- Ouro em 2010, na categoria Crônica. Através do texto "A Quadra Velha", de seu aluno Gabriel Batista da Silva - E.M. Crispim Bias Fortes - Zona Rural de Barbacena (MG).
- Ouro em 2012, na categoria Memórias Literárias. Com o texto: "Carreiro de Memórias", de sua aluna Beatriz Aparecida Melo Garcia da E.M. Antônio Francisco da Silva - Santa Bárbara do Tugúrio (MG)

Em breve, provavelmente em dezembro de 2025, acontecerá o lançamento de seu próximo livro: "Embondos". Pela Editora Perensin - Juiz de Fora (MG).



# Trem de Minas

Maria Inês Resende

Está na hora de pegar o trem  
Nosso destino é Minas  
Minas tão cheia de mistérios

Mistérios incrustados em montanhas  
Registrados em pedras  
Erguidos nas praças  
Nos becos  
Nas vilas  
Nas portas das igrejas  
No olhar dos profetas de Aleijadinho

Mistérios mais profundos e intensos que todo o mar  
Minas feiticeira  
Feiticeira que do mar nos trouxe o mago  
Do mago fez seu filho  
Ouro negro  
De mil tons

Minas Milton Nascimento  
Minas das pedras preciosas  
Do povo ensimesmado

Minas de tantos sertões  
De tantas veredas

Minas dos homens de ferro  
Minas Drummond

Minas barroca  
Contraditória

Recato que hasteia liberdade  
Liberdade ainda que tardia

Minas de tantos trilhos  
De tantas trilhas  
Minas que tramou um trem de trilhos transparentes  
que trançam pelas trilhas dos trinados dos pássaros  
Trem de trilhos transparentes traçados em céu aberto  
pelas asas do filho Alberto

Minas que se assenta na varanda e junto de seus filhos  
conta e ouve causos

Causos que vão se encarrilhando no vão do vagão do  
faz de conta do trem de Minas

Trem do fabuloso Rosa  
Rosa imortal que sussurra  
Minas são várias

Minas singular, plural, gerais

Minas poesia  
Poesia que se manifesta até na hora de servir à mesa  
Poesia das toalhas bordadas, das ambrosias,  
doces de leite, pães de queijo

Poesia da prosa na porta  
Do riso fácil  
Do sotaque mansinho  
Do olhar que colhe e acolhe

Minas mística e cética  
Cerebral e intuitiva  
Cartesiana e febril  
Simples e complexa  
Delicada e forte

Indecifrável  
Minas é Adélia  
É menina  
É mulher

Indecifrável  
Não  
Não cabia em Minas a amargura do mar  
Minas é doce  
Sem maresia  
Minas é linda  
Minas é minha

## Poetizando com...

**Nieta Ede**



Nasci entre montanhas e neblinas, onde também viveu Honório Armond, o grande poeta chamado "Príncipe dos Poetas Mineiros", vivi e cresci ali, nossas casas vizinhas, amiga/irmã de sua filha Sônia, e assim tomei café, comi bolo na mesma cozinha que ele. Seus poemas pairavam pelo ambiente, misturando-se com o reflexo do Sol que chegava pela fresta da janela.

Cresci em devaneios poéticos, cantando e sonhando os poemas de Pessoa.

Meus escritos começaram com as primeiras palavras, mas na verdade já estavam nas esquinas e ladeiras da vida.

Aprendi com meus alunos, quando era jovem, na E. E. São Miguel, a ser amiga, paciente e escrever com delicadeza. Em Cáceres, MT, na E. E. Demétrio, deixei minha Alma crescer com meus discípulos, foram eles meus mestres, mais do que eu a eles. Assim caminhei dando aulas, aprendendo, amando meus jovens aprendizes.

Agradeço a cada manhã, luar, neblina e aromas que nos seus encantos me encantam.

Sou assim.

## Não Sou Essa, Nem Aquela

Sou Ipê florido no inverno, sou Quaresmeira, em Março.  
No meio da floresta sou Araucária, na beira da praia sou coqueiro.  
Sou árvore frondosa, fortaleza, corajosa.  
Enfrento o frio, o calor, a chuva.  
Mas, a serra inclemente me derruba, corta meus galhos, meus sonhos.  
Arranca minhas raízes, me deixa no chão, morta, seca.

Sou água seca.  
Sou Sol, sou Lua, sou Eu.  
Sou Eu, sou Sol, sou Lua, sou Água, sou Árvore

Sou árvore caída.  
Sou fonte refrescante, sou fio de água,  
rio que serpenteia pelo caminho.  
Sou mar, sou onda com espumas que enfeita a areia.  
Canto pelo caminho, fertilizo os campos, alimento os peixes,  
refresco os animais, mato a sede dos homens.  
Enfrento o frio, a seca, na chuva transbordo.  
Mas, o lixo, os rejeitos me poluem e eu morro.

Sou índia, na mata, sou livre. Sou negra, em Angola sou livre.  
No meio da mata, os homens de bota alta me perseguem  
acorrentam, cresço escrava, espancada, violentada, morta.



Sou branca, sou rica, sou pobre, nasci livre.  
Tenho medo.  
Tenho medo dos passos das botas altas.  
Chega de mansinho, ocupa meu coração,  
deita na minha cama, me faz mulher.  
Depois violento, punho fechado, me joga no chão,  
me cospe, me chuta. Morro.

Nasci virgem, nasci Maria.  
Não a Virgem Maria, só a Maria-virgem.  
Sou criança, sou jovem, sou mulher.  
Sou lavadeira, costureira, advogada, médica, sou mãe.  
Professora, sou amante, sou Madalena, meretriz.  
Ando por todos os lugares.  
Conheço cada caminho.  
O amor é a minha energia, e o ódio o meu calabouço.  
O ciúme, a arma, o autoritarismo, a mão forte levantada, o tapa na cara, a fala amarga me degolam, morro.

Na Judéia, quase apedrejada. No paraíso, expulsas.  
Queimada na fogueira. Casamento arranjado.  
Severidade, injustiça, terror, prisioneira como louca.

Fujo de mim corro, grito.  
Afasto o ódio, o medo, abro a porta e ponho pra fora.  
Tudo.  
Já não morro mais.  
Esperei minha lei áurea, esperei pela princesa.  
Ela não veio, já tinha feito sua lei e partido.

Rastejo, apanho, sofro. Não escrevo cartas, nem poemas.  
Não chego à janela, não atendo o telefone. Morro,  
**CHEGA!**

## Liberdade

Liberdade. Já não sou aquela Maria  
“que ri quando deve chorar”.  
Choro quando quero chorar, dou gargalhadas quando quero rir.  
Já não me encantam mais “as mulheres de Atenas”.  
Agora tenho gosto, vaidade, vontade.  
Já não tenho medo.  
Não vou parir um filho para ser um novo guerreiro,  
ele será somente o filho da mãe.  
Não serei gestante abandonada.  
Já não tenho medo, não faço novenas.  
Não me visto de negro, não me encolho.

Vivo!  
Sou Eu, sou Sol, sou Lua, sou Água, sou Árvore  
Já não espero fazer feliz, ser o sol da vida.  
A mais desejada, nem o sonho!  
Nem a abelha rainha, nem o instrumento de prazer.

Sou Árvore, sou Lua, sou Água, sou Sol, sou EU!

**NÃO SOU ESSA, NEM AQUELA.**

**Sou EU!**

**Sou LIVRE!**

**Sou MULHER!**

**Sou CORAGEM!**

**SOU GRITO DE ALERTA!**

Agora ando descalça,  
vestido vermelho, despenteada, na chuva, no Sol, olhando a Lua.  
Saio quando desejo, fico quando quero.  
Sou verdade, já não sou mentira, nem escrava.  
A mão levantada, o tapa na cara.  
A fala amarga não me metem medo.

## Poetizando com...

### Geraldo Magela da Silva

Natural de Ressaquinha, amante da prosa e verso. Busca através de suas obras fazer com que o leitor sintam-se bem e possa reavivar seus sentimentos. Seus poemas, textos e pensamentos de autoestima leva os apreciadores de sua obra a se sentirem melhor, conectando-se com o seu eu e de modo especial com o Criador. Tem como virtude na vida fazer o bem, na certeza que a reciprocidade nos torna seres melhores a cada dia. O poeta que exala perfume em seus versos deixa o ambiente purificado.

Como professor atuei na Rede Estadual de Ensino onde tive a felicidade de me aposentar.

Formado em História, pela UNIPAC - Barbacena, e pós-graduado em Metodologia Educacional pelas Faculdades Claretianas Batatais - SP.

Autor de quatro obras publicadas:

“Refletindo”,

“Ressaquinha de Canto a Canto” co-autor,

“Eu e minha Caminhada” e

“Retalhos de Otimismo”.

Prof. Geraldo Magela no IV Encontro de Escritores e Educadores promovido pela FAME



## Retalhos costurados

Geraldo Magela da Silva

Cada retalho costurado  
Nos dá uma bela visão,  
De algo bem feito  
Com grande afeição.

O pedaço de retalho  
Mostra instantes de vida,  
Onde se esconde o medo  
E também alguma ferida.

Sou retalho bordado,  
Cada um de uma cor:  
Uns parecem ter vida  
Outros belos como flor.

Retalho num canto deixado,  
Que devia ser usado,  
Às vezes dele esquecemos,  
Por horas fora jogado.

Em cada retalho costurado,  
Um pouco de saudade,  
Que dá vida a uma colcha  
Onde mora a felicidade.

O frasco de perfume  
Se iguala a um bordado  
Se não for apreciado,  
Pelo menos é cheirado.

Cada retalho um pedaço de vida,  
Costurado com simpatia.  
Mais tarde perfeita colcha,  
Mistério e grande alegria.

A vida se costura  
Com pedaços e momentos,  
Minutos de silêncio na alma,  
Guardados no pensamento.

Na vida se costuramos retalhos,  
Tecendo uma linda história,  
São inesquecíveis momentos  
Guardamos na memória.

Não sou alfaiate,  
Mas tenho panos guardados,  
Sou feliz com cada pedaço,  
Dos retalhos costurados.



## A paixão pela música que despertou a criação do Coral FAME

### Professora Cristina Bello

Nasci no meio de grandes músicos. A família do meu pai, Luiz Gonzaga de Miranda, era composta, quase que exclusivamente, por músicos e professores. Meu avô, João Zacarias de Miranda, foi o primeiro clarinetista da Orquestra Sinfônica Nacional do Rio de Janeiro. Naquele contexto de vida e de arte, surgia uma família linda, culta, formada por negros e mestiços que honravam a história de seus ancestrais. Já em Belo Horizonte, nas primeiras décadas do século XX, Pixinguinha e outros grandes nomes da música brasileira frequentavam a casa dos meus avós, sempre repleta de artistas, música boa, saraus literários e, como em todo ambiente mineiro, acaloradas prosas sobre futebol, política e comida boa.



O cinema mudo era novidade e impulsionava a carreira de vários músicos, pois, nos filmes da época, com muito Charles Chaplin e seus personagens fantásticos, a música era tocada ao vivo, com as grandes orquestras da cidade. Neste ambiente acolhedor, rico em histórias e vivências artísticas, nasceu meu pai.

O tempo foi passando e agora era a época da Rádio Nacional, programas de auditório ao vivo, grandes vozes, cantores magistrais! Meu tio Bizico (Rubens Miranda), com pseudônimo de Átila de Carvalho, era um dos favoritos do meu avô. Coitado ... morreu sem saber que seu artista favorito era seu filho ... naquela época, artista não era considerada uma profissão digna para pessoas decentes. Portanto, embora genuíno, o desejo de seguir artista não era encorajado. Após décadas de opressão, meu pai não queria para mim, um estigma tão pesado.





## A arte faz valer a pena toda a existência humana: cura, salva e fortalece!!!

No dia em que vim ao mundo, fui recebida com uma linda canção que ele fez para mim. Este legado me fez ser, em grande parte, o que sou hoje. Cresci nas coxias de teatro, banco de escolas, palcos encantados e num universo mágico que me levou, mais tarde, a escolher minha profissão. Papai era livreiro. Trabalhei desde criança na livraria da família. Ali comecei a sonhar grande! Encantada pela vida e pela multiplicidade de oportunidades que ela pode nos oferecer, me formei em Ciências Biológicas e me especializei em Microbiologia, um universo desafiador quando se pensa na integração à vida humana. Vieram outros estudos, cursos, mestrado, pós-graduação em áreas afins, como neurociências e educação.

Durante toda minha trajetória acadêmica, tanto como aluna, como professora, a música esteve e estará sempre presente. Estudei no Conservatório Mineiro de Música. Cantei solo e em grandes corais do Brasil, como o Coral Ars Nova, da UFMG, um dos grupos brasileiros mais premiados no exterior, atuei como regente de corais, incluindo um trabalho de mais de 30 anos no Ministério Público de Minas Gerais.

Na chegada do século XXI, senti a necessidade de propor uma maneira de trabalhar mais diretamente a humanização dos ensinamentos técnicos, vivenciados na academia. Procurada por um grupo de alunos, fundamos então, o Coral FAME.



Nestas décadas de vida e atuação contínua, fizemos intervenções em variados locais, com diferentes públicos. Participamos de eventos Institucionais, fizemos parcerias com algumas Ligas de Especialidades Médicas como as Ligas de Infectologia, Pediatria, Oncologia, Psiquiatria, Nefrologia e Geriatria, além de ONGs como Olhar Down, Igrejas de Barbacena e também com a Prefeitura, cantando em praças e cerimônias da cidade. Em 2016, gravamos um DVD, onde registramos parte deste trabalho artístico e humanitário. Foi inesquecível...

Composto por alunos, professores, funcionários e membros da comunidade barbacenense, seguimos nossa trajetória com o grande objetivo de levar arte, leveza e cultura aos que nos assistem, mas, sem dúvida alguma, somos presenteados pela vida renovada a cada apresentação, gratidão e crescimento espiritual a toda a família Coral FAME.

Obrigada à Diretoria desta casa que sempre apoiou nosso Projeto de Extensão, como forma de enriquecer nossos coralistas e retribuir à comunidade de Barbacena, a acolhida doce e entusiasmada.

Cristina Bello é professora na FAME há 30 anos e leciona nesta Instituição de Ensino a Disciplina Mecanismos de Agressão e Defesa.



## Nos caminhos da Educação, Literatura e da Música

Miguel Junno



Miguel Junno: Produtor Artístico Musical, multi-instrumentista, sócio e pianista do Grupo Angelus, professor de piano e teclado no Espaço de Música Rodrigo Nésio, professor e coordenador na Orquestra São Miguel Arcanjo.

Ah! Também pretendo escritor e funcionário público municipal “nas horas de folga!”

Olá! Para quem não tive o prazer de ser apresentado, meu nome é Miguel Archanjo Silva Junior mais conhecido como Miguel Junno, meu pseudônimo artístico. Estou envolvido com a música, e ela envolvida comigo, desde a mais tenra idade. Desde que “me entendo por gente”! Minhas mais remotas lembranças estão associadas a ela. Para vocês terem uma ideia minha avó paterna, uma das primeiras pessoas a me mimar, demasiadamente, tinha uma vitrola – toca discos de vinil (que muitos não devem ter noção do que se trata!). Todas as vezes em que estive em sua casa o dispositivo era ligado e um som magnífico ganhava o ambiente com suas músicas de orquestras. Ela me pegava no colo e dançava comigo. Eu a conhecia carinhosamente como Vó Tocá!

Meus pais também ouviam boa música em casa e no carro - fitas K7 sempre disponíveis para as viagens, ainda que fossem só até a padaria! A imersão em um ambiente favorável me conduzia pelas sendas das melodias e harmonias. Certo dia meu pai resolveu aprender a tocar violão e pediu ajuda a seu cunhado, que já tinha uma boa noção, para adquirir um instrumento e empreender em seu estudo. Alguns meses depois ele desistiu e aquele estranho objeto encostado no canto da sala me chamou a atenção e ao descobrir para o que ele servia comecei a me envolver com ele. E foi por ele que consegui me manifestar em minhas primeiras expressões musicais. Eu tinha então 4 anos de idade!

Nesse mesmo ano eu ingressava à escola (pré-primário) e para minha surpresa a minha professora tinha um violão muito parecido com o meu e o utilizava como recurso didático – foi minha primeira referência nesse sentido. Desde então tive contato com alguns instrumentos e sempre busquei entender seus funcionamentos para conseguir me expressar por eles. Fui produtor musical, diretor teatral, técnico em gravação e mixagem em estúdios de áudio e vídeo, designer, músico profissional, free lancer, integrante de grupos e bandas... professor!

A ideia até aqui não foi apresentar uma autobiografia (até porque nem me acho tão interessante, embora também me empreenda na arte de escrever e contar minhas histórias, rsrs...), mas apenas fazer um preâmbulo para melhor contextualizar.



Em um Encontro de Escritores

Então, vou falar um pouquinho sobre a atualidade e como cheguei até aqui. Pianista e diretor artístico do Grupo Angelus, empresa especializada em casamentos e eventos afins é o auge de uma carreira que comecei aos 12 anos de idade e com a qual aprendi a compor a trilha sonora de um dos momentos mais importantes da vida de um casal. E sempre muito gratificante, pois vivemos cada emoção junto aos nubentes, a música embala cada passo, conduz ao altar e proporciona uma interconexão com todos e com o além.

Outra condição atual é a de escritor que surgiu despretensiosamente por volta dos 15 anos. Acho que comecei um pouco antes, às vezes adaptando ou traduzindo letras de músicas em versões para casamentos.

Consequentemente me aventurei a escrever algumas letras de músicas autorais e dessa ideia parti para escrever um livro, uma epopeia, que contemplasse toda a história do início ao fim dos tempos. Comecei aos 16 e ainda não consegui terminar, mas, nesse tempo também escrevi algumas das minhas aventuras na senda da música e sem pretensões e nem condições de publicar. Por uma feliz obra do acaso fui indicado a participar de uma antologia poética da Editora Mente Aberta – uma editora baiana! E, tendo meus poemas aceitos, completo no próximo mês a 4ª publicação em poesias e a 3ª em contos e crônicas. Nessa pequena carreira consegui também trazer a público minha ainda incompleta epopeia - Autolegado!

Atualmente também atuo na educação musical. Pela Saúde Mental, enquanto funcionário público, ministro uma oficina de música no Centro de Convivência e Cultura. Também atuo como professor de piano popular e teclado no Espaço de Música Rodrigo Nésio e musicalização no Projeto da Orquestra da Sociedade São Miguel Arcanjo. A essa missão preciso referenciar a Universidade Livre de Música Ponto de Partida – Bituca, onde pude consolidar meu entendimento da arte de compartilhar música.



No São Miguel Arcanjo

Essa última provavelmente a maior e mais desafiadora das responsabilidades assumidas. E é nela que mais aprendo desde então.

Deixa-me exemplificar: Numa das primeiras oportunidades de lecionar para uma turma bastante heterogênea, eu ainda bem jovem e inexperiente resolvi seguir um protocolo padrão e adotei alguns métodos musicais utilizados nas escolas convencionais de todo o país.

Eram referências bastante relevantes de autores renomados, o que à ocasião – eu esperava – me dariam aporte para ensinar música!

Na turma um aluno de 7 anos e um de quase 70...de uma cidadezinha bem rural, bem interiorana e muito musical por tradição. E comecei a apresentar os conceitos básicos da teoria musical pelas palavras dos autores: “Melodia: combinação de sons **sucessivos**. Harmonia, combinação de sons **simultâneos**...” e enquanto eu falava, e me ouvia, pensava: estariam me entendendo? Imaginei que não!

Naquele momento as melhores referências eram a “tia Cláudia” com seu violão em sala de aula e as minhas vivências autodidáticas na busca pelo entendimento. Então, bem de improviso, mudei o foco. Pedi a todos que se levantassem e formassem uma fila onde cada um pensasse em uma nota musical: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si e viessem em minha direção; quando me alcançassem cantariam a nota pensada. Assim estabelecemos nossa primeira Melodia!

Depois os orientei a se dividirem em grupos de 3 pessoas e, de mãos dadas fizessem o mesmo, viessem em minha direção ao me alcançarem cantassem as notas pensadas: Harmonia!

Agora sim, todos haviam entendido os conceitos abstratos de uma forma bastante concreta e os estudos sempre transcorriam de forma divertida e descontraída. Na expectativa de compartilhar conhecimentos sempre me vejo aprendendo. Entendo, portanto, que seja sempre uma boa troca! Muitos dos grandes mestres com que tive a sorte de aprender dizem disso também: “É preciso uma aldeia para educar uma criança!” e “é preciso fazer-se criança para aprender!”

Sem pré-conceitos todos temos relevantes experiências a compartilhar que podem servir de aporte a novas ideias e gerar conhecimento. Por outro lado, precisamos nos despir de orgulho e nos entregarmos como crianças, sem medo de errar, de passar vergonha... nos atrevermos a nos reinventar para realmente absorver a essência do saber.

Muito obrigado pela oportunidade de expressar minha singela opinião! Muito sucesso a todos!



Grupo Angelus em ação com os parceiros Bráulio Duarte, Virgínia Reis, Alexandre Magno e Raquel Moreira

**"O dever do educador moderno não é o de derrubar florestas, mas o de irrigar desertos"**

Clive Staples Lewis - livro "A Abolição do Homem"

**Professor: a busca pela arte do ensinar**

**Médico: a busca contínua pelo cuidar**

Para publicar poemas, contos, crônicas, resenhas ou divulgar artes visuais e música no Jornal Travessia entre em contato com os membros do PVMCA pelo Instagram @pvmca\_fame



# TRAVESSIA

O Jornal de Arte e Cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena

Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE  
Praça Presidente Antônio Carlos, 8, São Sebastião.  
CEP: 36202-336, Barbacena-MG  
Portal: <https://famebarbacena.com.br/>